

DESVIOS NA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS FRICATIVAS ALVEOLARES EM CARTAS DO SÉCULO XX COMO PARÂMETRO PARA AVALIAÇÃO DE HABILIDADE COM A ESCRITA ALFABÉTICA

SPELLING DEVIATIONS IN GRAPHIC REPRESENTATION OF ALVEOLAR FRICATIVES ON PERSONAL LETTERS OF THE XX CENTURY AS PARAMETER TO EVALUATE ALPHABETIC WRITING SKILLS

Caio Mieiro Mendonça¹

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre o polimorfismo gráfico de sibilantes em cartas de portugueses escritas no século XX. Analisam-se os desvios na representação das fricativas alveolares surda [s] e sonora [z] e das variantes pós-alveolares [ʃ ʒ]. O texto apresenta uma metodologia de análise do fenômeno como um parâmetro para a avaliação do nível de habilidade dos remetentes com a escrita. A base teórica adotada segue os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; BERGS, 2012). A análise dos desvios aponta para o estreitamento da relação entre letra e som, além de indicar o grau domínio de convenções da escrita dos missivistas.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Histórica. Cartas pessoais. Desvios gráficos. Fonologia.

ABSTRACT

This paper presents an investigation on the graphic polymorphism in the representation of sibilants on letters written by Portuguese authors in the XX century. The data analyzed consists on spelling deviations in the representation of the alveolars fricatives [s z] and their postalveolars variants [ʃ ʒ]. The text brings an analysis methodology for the phenomenon as a parameter to diagnose the author's writing skills level. Historical Sociolinguistics was chosen to guide the research (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; BERGS, 2012). The results of orthographic irregularities analysis point to the relation between letters and sounds, and indicate the authors' writing knowledge levels.

KEYWORDS: Historical Sociolinguistics. Personal letters. Spelling deviations. Phonology.

Considerações iniciais

Este estudo observa os desvios na representação gráfica das sibilantes em uma amostra de cartas de missivistas portugueses escritas no século XX, no período de 1937 a 1953². O foco da pesquisa é analisar o polimorfismo gráfico na representação das fricativas alveolares surda [s] e sonora [z], bem como de suas variantes posicionais [ʃ ʒ]. A escolha dessas sibilantes é justificada pelo fato de que tais segmentos têm uma variedade particular de grafemas para representá-los, o que faz com que o nível de conhecimento da ortografia de itens lexicais com sibilantes seja um indicativo do letramento do escrevente. O trabalho tem como aporte teórico-metodológico a Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; BERGS, 2012). A proposta deste texto é

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mieiomendonca@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0002-1264-3914>.

² Destaque-se que algumas cartas não apresentam datação, o que pode alargar o período de correspondência descrito.

indicar uma metodologia de análise do fenômeno que estabelece a descrição do comportamento das sibilantes em textos de sincronias passadas como um parâmetro para a avaliação do grau de domínio das convenções da escrita.

A amostra reúne 26 cartas de dez missivistas que escreviam de regiões de Portugal e do Brasil (Rio de Janeiro e Recife). Uma das remetentes – identificada neste texto como EU – ganha destaque pela quantidade de cartas redigidas. A produção total de EU é de sete cartas, somando quatorze fôlios e meio de texto. Dada a discrepância entre a produção de EU e a dos demais remetentes – alguns dos quais se tem apenas uma carta disponível para análise –, este trabalho propõe a avaliação das cartas de EU em comparação com as demais 19 cartas da amostra.

Três perguntas de pesquisa motivam a elaboração da análise, sejam elas: i. quais pistas da identidade do escrevente podem ser apreendidas a partir de desvios gráficos relacionados às fricativas [s z] e de suas variantes em língua portuguesa? ii. os desvios identificados nas cartas são de mesma ordem ou são passíveis de ser sub-categorizados? iii. como a análise de tais desvios pode auxiliar na compreensão sobre a relação entre o conhecimento linguístico do escrevente e o domínio das convenções da escrita?

As hipóteses levantadas para nortear a investigação são as seguintes: a. a posição silábica condiciona o fenômeno do polimorfismo gráfico; b. há uma correlação entre o fone representado na escrita e a quantidade de grafemas eleitos pelos missivistas para representá-los; c. o grau de domínio das convenções de escrita se reflete nos padrões de desvios observados.

Os objetivos deste trabalho, portanto, englobam: i. analisar qualitativamente as ocorrências de desvios gráficos na representação das fricativas [s z] e de suas variantes; ii. contrastar a manifestação de tais desvios na produção de EU com o comportamento total dos desvios na escrita dos demais missivistas; iii. mostrar como a categorização do polimorfismo gráfico dessas sibilantes pode servir como um parâmetro para avaliar o nível de habilidade do escrevente.

Este texto subdivide-se em seis unidades para além desta introdução e das conclusões. A primeira unidade aborda os princípios basilares da Teoria Sociolinguística e as distinções entre a Sociolinguística Histórica e a Sociolinguística de orientação laboviana. Na segunda unidade, é feita uma breve revisão da literatura sobre metodologias elaboradas para o tratamento de desvios gráficos em *corpora* históricos. A terceira unidade discorre acerca do aprendizado da escrita e apresenta os grafemas utilizados para a representação das fricativas alveolares e de suas variantes em língua portuguesa, evidenciando as restrições posicionais de tais grafemas. A quarta unidade concentra-se na caracterização da amostra. Na quinta unidade, descreve-se a metodologia elaborada para este trabalho. Na sequência, na sexta unidade, são apresentadas as análises dos dados.

1. Distinções entre a Sociolinguística Histórica e a Sociolinguística Laboviana

A pesquisa sociolinguística concentra-se em estudar os fenômenos variáveis das línguas e seus processos de mudança. A teoria propõe-se a descrever as relações entre língua e sociedade, com vistas a observar de quais maneiras os fatores externos à língua impactam o sistema e ainda como

tais fatores se coadunam com outros de ordem cognitiva e linguística. Para a Sociolinguística, o conhecimento linguístico dos falantes é heterogêneo – visto que admite a variação sem prejuízos à intercompreensão ou ao funcionamento do sistema – e tal heterogeneidade não é aleatória, mas regida por regras estruturais e condicionantes de ordem extralinguística, sendo o sistema não autônomo e abstrato. Defende-se, com isso, que variação é inerente ao sistema linguístico, lançando-se mão do conceito de heterogeneidade ordenada para mostrar que, mesmo sendo dinâmica, a variação linguística é passível de tratamento científico. A gramática, enquanto saber linguístico resultante da interação humana, é heterogênea, portanto, variável.

A variação é definida pela Sociolinguística como o processo pelo qual dois ou mais elementos do sistema linguístico (fones, morfemas, palavras, construções sintáticas etc.) podem ocorrer, mantendo mesmo valor referencial (LABOV, 1978) ou equivalência funcional (LAVANDERA, 1978) em um mesmo contexto. A mudança linguística, por sua vez, significa a generalização de determinada alternância; é concebida como o processo de evolução de uma língua, que se correlaciona à evolução da sociedade que a veicula. A mudança é o ponto final da variação linguística, no sentido de que toda mudança linguística é fruto de um estágio de variação. Isso, entretanto, não implica necessariamente dizer que a variação leva à mudança. O processo da variação ocorre de maneiras distintas (através do tempo, em diferentes situações de fala, entre estratos sociais distintos, em diferentes extensões geográficas, entre distintas gerações etc.) e processos de variação podem representar tendências de mudança ou variações estáveis – como a alternância tu x você no dialeto carioca (LOPES, 2007). A mudança ocorre de maneira gradual, visto que sua implementação requer a inserção de estruturas em distintos contextos de uso que perpassam os eixos horizontal (geográfico) e vertical (estratos sociais) da variação (MOLLICA, 2003).

A metodologia de pesquisa da Sociolinguística observa o uso da língua. Tendo em vista a natureza probabilística do sistema, a partir da produção de determinado(s) grupo(s) de falantes, a) selecionam-se variáveis analisáveis pelo controle da sua frequência de ocorrência; b) postulam-se grupos de fatores condicionadores; c) formulam-se hipóteses sobre seus condicionadores, sua implementação e distribuição na língua; d) levanta-se um quantitativo significativo de ocorrências das variantes, a fim de observar o que favorece ou desfavorece determinada variante, analisando-se as suas diferenciações/especificações de uso (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2018 [1968]).

Labov (2008 [1972]) sustenta que o falante não é autônomo em relação à sociedade em que se insere, embora não descarte a variabilidade do indivíduo. Apesar de cada falante ter em sua mente os conhecimentos linguísticos internalizados, configurando suas gramáticas, todo falante está inserido em contextos sócio-históricos específicos que permitiram a aquisição da(s) variedade(s) de língua que dominam. Mesmo tendo conhecimento da organização e da variação de sua língua, o sistema é um conhecimento compartilhado entre falantes, e a língua é influenciada pelas realidades de seus usuários, de modo que falar e avaliar a fala de outros é fruto das organizações sociais a que os falantes estão sujeitos. Esse compartilhamento forma um construto abstrato que regula os usos da língua, constituindo comunidades de fala específicas que apresentam comportamentos linguísticos distintos.

A base da teoria linguística que sustenta as investigações sociolinguísticas é a mesma para a Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana (doravante SQ) e para a Sociolinguística Histórica (doravante SH). A vertente histórica toma por base o princípio da uniformidade linguística, que prediz ser possível depreender conhecimento de fenômenos linguísticos que ocorriam no passado a partir da observação do presente (LABOV, 1975; ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; BERGS, 2012). Com isso, é possível identificar fatores condicionantes dos padrões de variação presentes e estabelecer metodologias para a análise de dados de sincronias passadas. Sendo a variação inerente à língua e por a mudança ser gradual, atingindo partes do sistema, não a sua integridade, é possível analisar dados passados sob a lente da Sociolinguística. As distinções entre a SQ e a SH estão centradas nos *corpora* analisados e, conseqüentemente, nos procedimentos metodológicos empregados nas análises. A metodologia proposta pela SQ prevê sete problemas norteadores da metodologia sociolinguística, que são parâmetro de distinção da SQ e da SH.

O primeiro problema é a *representatividade* da amostra. Os materiais históricos sobrevivem ao tempo, não são fruto de amostras montadas sob rígida orientação metodológica, como se faz na SQ. A preservação desses textos é aleatória, tendo os pesquisadores que contar muitas vezes com dados escassos e irregulares. A SH, portanto, debruça-se sobre materiais predominantemente escritos, a partir dos quais, dada a sua característica lacunar, não é possível estabelecer generalizações sobre a sociedade ou a comunidade de fala analisada, apenas acerca das amostras observadas (CONDE SILVESTRE, 2007).

Na seqüência, o problema da *validade empírica* das amostras. Labov (1966) postula a necessidade de utilização de um percentual significativo de falantes para as análises serem validadas. Quando do levantamento de *corpora* sociolinguísticos, são levados em consideração, para a composição da amostra, valores quantitativos referentes a características sociais do falante (como grau de escolaridade, faixa etária, sexo, profissão, local de origem, raça/etnia etc.) para que se construam amostras regularmente estratificadas³. Por a SH lidar com textos limitados em quantidade, não há como aplicar sempre os mesmos parâmetros de estratificação⁴.

O terceiro problema se refere à *invariação*. Pelos caracteres conservador e regularizante da escrita, há inicialmente uma restrição à probabilidade de variação imposta pelas fontes documentais (KOCH; OESTERREICHER, 2007). Partindo do princípio da uniformidade linguística, sabe-se que a variabilidade na fala de sincronias passadas era maior do que a escrita registra. Entretanto, o que se observa de variável nos materiais escritos fornece ao linguista pistas sobre o perfil sociolinguístico dos escreventes, bem como da realidade sócio-histórica em que se inseriram. Um ponto de distinção entre ambas as vertentes da Sociolinguística é justamente a necessidade de adaptar e/ou elaborar

³ Vale ressaltar que Labov (1966) propõe tais parâmetros da SQ com vistas ao estudo de amostras de fala para a observação da mudança em curso (tempo aparente), e que tais critérios também se aplicam a análises diacrônicas para comparação de amostras de fala de diferentes sincronias nos estudos de painel e de tendência (tempo real).

⁴ Destaque-se que estudos aportados na SH não excluem a possibilidade de análises quantitativas, visto que pode ser possível dar um tratamento estatístico aos dados a depender da sua quantidade.

metodologias para a análise dos vestígios de variação encontrados⁵.

O problema da *autenticidade* diz respeito aos dados. Fatores como a influência dos contatos linguísticos de cada região, ao contato com prescrições assistemáticas que levam a padrões de hipercorreção, e os próprios erros de escrita fazem com que se questione se há de fato dados linguísticos autênticos. Além disso, pela diferença entre oralidade e escrituralidade, sabe-se que o que se registra em formas escritas difere do vernáculo dos escreventes.

O quinto problema trata da *autoria* dos dados. Com a possibilidade de os textos serem ditados, há um autor intelectual dos textos, a quem a autoria é atribuída, e um segundo autor, responsável pela redação. As implicações da distinção de autoria são a interferência do vernáculo de um na produção do outro. Bergs (2005) postula que tais interferências afetariam variantes fonético-fonológicas e grafológicas, mas não morfossintáticas. Há, entretanto, fatores que podem pesar na interferência morfossintática, como o nível de letramento do redator, seu grau de proximidade com o autor, dentre outros. Tal problema traz aos estudos em SH a necessidade de se desenvolverem métodos de avaliação da autoria.

Há, dentre os problemas listados, um que diz respeito à *validade social e histórica* das amostras. Ao passo que na SQ se faz a descrição dos comportamentos linguísticos, na SH é necessário, além disso, fazer a reconstrução do contexto histórico e sociocultural em que se produziram os materiais analisados, pois pouco ou nada se sabe sobre o status dos escreventes e sobre a estruturação de suas sociedades. É preciso, por isso, recuperar tais informações para que se possa desvendar as complexas relações que se estabelecem entre determinada língua e a sociedade que a veicula. Isso é feito, dadas as lacunas dos materiais, a partir de pistas textuais e de busca por outras fontes, como registros históricos e documentais.

O último problema trata da *ideologia padrão*. Apesar de as línguas serem constituídas de uma pluralidade de normas, o conceito de língua é fruto do imaginário social (o qual varia a depender da sociedade) e esse imaginário estabelece relações de prestígio bastante explícitas entre as variedades linguísticas. A falsa noção de unidade linguística (falsa dada a pluralidade de normas) leva à idealização de uma variedade como a própria língua. Na avaliação de *corpora* históricos, as análises não podem ser levadas a cabo sob a régua da dita “língua padrão”.

Como recapitulação das distinções entre ambas as correntes, a pesquisa Sociolinguística visa a desvendar, a partir de análises multivariadas, as complexas relações que se estabelecem entre determinada língua e a sociedade que a veicula. Para tanto, em uma pesquisa sociolinguística, são considerados os condicionadores internos (estruturais) e externos (sociais) dos padrões de variação identificados a fim de que se depreendam relações entre língua e sociedade. Com o surgimento da SQ, havia maior destaque para as pesquisas com dados de fala, uma vez que pela fala se fazia possível investigar todos os estratos da sociedade, desde os analfabetos aos mais escolarizados, tomando escolaridade como régua, por exemplo. Nas investigações da vertente histórica, a predominância de

⁵ O que já consta na gênese da abordagem diacrônica da variação em Labov (1975).

materiais escritos que sobreviveram ao tempo impõe às pesquisas as necessidades tanto de elaboração de metodologias que dêem conta de reconstruir (ou vislumbrar) a história social dos escreventes, bem como as realidades sociolinguísticas que os circundavam, quanto de adaptar os procedimentos metodológicos desenvolvidos pela SQ.

2. O tratamento de desvios gráficos em *corpora* históricos

Cardoso (2020), em seu trabalho com cartas privadas escritas no contexto da imigração portuguesa para o Brasil, durante o período das guerras do século XX, propõe uma categorização dos missivistas com base na análise dos desvios gráficos encontrados nas cartas. O autor postula que quanto maior o afastamento dos padrões ortográficos manifestado na produção linguística, menor será a habilidade com a escrita do missivista.

Destaca-se no trabalho o contraste entre duas grandes categorias de desvios, aqueles que se relacionam ao domínio das convenções da escrita, como a substituição de um dígrafo como <ss> por uma só consoante como <c>, como em “acinar” por “assinar”, e outros, nos quais ocorre a transposição de elementos fonéticos característicos da variedade do falante para a escrita, tal qual a ditongação identificada em “pessoua” (CARDOSO, 2020, p. 90). Tal distinção se baseia na proposta de Barbosa (2017), que considera para a avaliação do nível de habilidade do missivista com a escrita, dentre outros parâmetros, a *escrita fonética*, que se manifesta na forma de índices grafofonéticos, e a *escriptualidade*, manifestada na forma de inobservância a grafismos normatizados e da grafia irregular para sílabas complexas (CARDOSO, 2020, pp. 91-2).

Barbosa (2017) postula que não há necessariamente uma relação unívoca entre a inabilidade na escrita alfabética e o nível sócio-cultural dos escreventes, apontando a escrita como uma atividade que impõe por si só dificuldades. Por isso, para o autor, a inabilidade de escrita deve ser considerada a partir de diversos aspectos, visto que é condicionada por fatores independentes entre si, apresentando, com isso, níveis de gradiência.

A escrita sofre impactos das normas estabelecidas pela sociedade. A discriminação dos parâmetros gráficos para a análise dos graus de letramento dos escreventes está relacionada a tais convenções, uma vez que se podem tomar parâmetros normativos contemporâneos à redação para se observar “a maneira como se exercerá o controle da prática gráfica dos redatores, pela identificação de valores de erudição de modelos objetivos de padrão, ambos referentes à época estudada” (CARDOSO, 2020, p. 99).

A adoção de parâmetros gráficos para a avaliação da habilidade com a escrita na redação espontânea é defendida por Barbosa e Lima (2019) como um índice do contato dos redatores com textos escritos. Para os autores, no momento da escrita, representam-se inconscientemente as letras via memória visual. Tal memória entra em operação durante a grafiação de caracteres na escrita alfabética, e o hábito da leitura alimenta o arquivo mental, reverberando na qualidade da escrita. Barbosa e Lima (2019) defendem que um escrevente que tem pouco contato com a leitura apresenta uma tendência a

Desvios na representação gráfica das fricativas alveolares em cartas do século XX como parâmetro para avaliação de habilidade com a escrita alfabética

transcrever elementos fonéticos para a escrita, independentemente da época, já aqueles que têm contato com textos modelares tendem a resgatar tais padrões em sua escrita. Observa-se, portanto, que a adoção de critérios de categorização de desvios gráficos é relevante para os estudos históricos, visto que permite ao pesquisador vislumbrar indícios do perfil social do sujeito que escreve em outras sincronias.

3. A escrita das fricativas alveolares em língua portuguesa

Quando se considera a produção de textos escritos, o material redigido encontra-se codificado em algum dos sistemas de escrita. Higounet (2003) afirma que a escrita é mais do que um simples sistema de representação da linguagem falada, estabelecendo, ao invés disso, relação direta com o pensamento, e atuando no sentido de discipliná-lo, transcrevê-lo e organizá-lo. Em relação à escrita alfabética, o autor define um alfabeto como um sistema de sinais que exprimem os sons elementares da linguagem. A produção de textos escritos em língua portuguesa requer, como macro-habilidades, tanto o conhecimento sobre a escrita alfabética quanto sobre o alfabeto latino. Para que se codifique a escrita em língua portuguesa, portanto, é necessário que se domine primeiramente o sistema gráfico da língua, que, para além de elementos que se associam aos sons da fala, engloba também os sinais de pontuação. Nesse sentido, é necessário saber identificar todos os grafemas utilizados para representar os sons da língua. Além disso, é preciso que se domine também o nível da palavra gráfica, a fim de que se compreendam os espaços em branco como sinais fronteirios.

No que tange à identificação de fronteiras, o processo vai além da unidade da palavra e chega ao nível do enunciado. Silva (2021) destaca que a escrita segue uma convenção ortográfica que não necessariamente está baseada na prosódia da língua, no que se refere aos critérios de segmentação. Por exemplo, embora os clíticos (palavras gramaticais átonas) se adjunjam a palavras lexicais, formando vocábulos fonológicos (“os amigos”, “me diz”, “fala-se”), na escrita, tais unidades são representadas por fronteiras de palavras, pelo critério morfológico. Um dos resultados da não correspondência prosódica entre fala e escrita é a produção inicial de enunciados escritos como blocos fonológicos monolíticos (SILVA, 2019, p. 17).

Além disso, os sistemas de escrita estão sujeitos a outras convenções sociais que se determinam pelos grupos sociais que os utilizam. Tais convenções, como se evidencia na língua portuguesa, agem no sentido de estabelecer regulamentações sobre os sinais gráficos individualmente e sobre a grafia das palavras. No primeiro caso, por exemplo, prediz-se que a vírgula deve ser escrita atachada à margem direita da palavra que a antecede; e, no segundo, que o grafema <rr> se utiliza apenas em contexto medial de palavra, quando entre vogais.

O aprendizado da escrita, especialmente no início do processo de alfabetização, costuma representar dificuldades. Em obra clássica sobre o assunto, no que se refere ao nível dos segmentos, Lemle (2004 [1999]) aponta problemas que alfabetizando e, conseqüentemente, alfabetizadores enfrentam e reforça que muitos deles estão relacionados às relações complicadas existentes entre as letras e os sons.

Há casos na língua em que cada letra corresponde a um som, como se evidencia no caso das oclusivas bilabiais [p b], que são representadas pelos grafemas <p> e , por exemplo. No que diz respeito a outros sons da língua, entretanto, observam-se segmentos representados por letras diferentes – a que a autora chama “poligamia” –, como a consoante fricativa labiodental surda [f], que era transcrita pelo grafema <f> (“afinidade”, “filho”) e pelo grafema <ph> em casos de helenismos (“pharmácia”, “alfabeto”); e letras que representam mais de um som – relação denominada “poliandria” –, tal como o grafema <l>, que representa a lateral alveolar [l] em início de sílaba (“lâmpada”, “louva”) e a aproximante labiovelar [w] em posição final (“papel”, “dócil”). Há, para além disso, relações de concorrência, nas quais se observa que mais de um grafema podem representar o mesmo som em contexto idêntico, como se verifica no caso da fricativa pós-alveolar surda [ʃ] em contexto de ataque silábico, que pode ser representada por <x> (“xícara”, “mexer”), <ch> (“chá”, “colchonete”) e <sh>, no caso de algumas palavras de origem estrangeira (“show”, “shopping”).

Lemle (2004 [1999]) propõe três etapas para a aquisição do sistema de escrita alfabética, considerando tais peculiaridades na relação letra-som. A primeira das três etapas de aquisição da escrita, para a autora, corresponde à percepção de que os sons são representados por letras. A partir de tal associação, constrói-se pelo alfabetizando a *hipótese da relação biunívoca ou monogâmica*, na qual se estabelece uma relação de um-para-um entre letras e sons que reverbera na escrita a partir da transcrição de todos os sons pelas suas letras correspondentes em seu valor fonético mais típico (LEMLE, 2004 [1999], p. 30).

A troca para a segunda etapa ocorre no momento em que o aprendiz compreende que os grafemas podem apresentar valores distintos em relação às posições que ocupam na estrutura silábica. Nesse estágio, o aluno chega à formulação da *hipótese da poligamia condicionada pela posição*.

O fim da segunda etapa é marcado pela apreensão de arbitrariedades fonológicas relacionadas ao sistema de escrita, ao perceber a relação de competição que implica a utilização de grafemas distintos nos mesmos contextos para representar um mesmo som a depender do item lexical escrito. Nessa etapa, cuja duração se estende por toda a vida, segundo Lemle (1999 [2004]), atua a memória do aprendiz.

O trabalho de Lemle (1999 [2004]) considera a escrita como uma segunda língua. A autora afirma que esse segundo sistema precisa ser adquirido, tomando por base o mesmo mecanismo que leva o usuário de determinada língua a adquirir sua modalidade falada. Isso é feito a fim de defender que o ensino de escrita deve ser orientado com base no conhecimento internalizado do falante, identificando-se as hipóteses criadas pelos aprendizes no momento de aquisição da escrita.

O domínio da escrita ocorre por meio do desenvolvimento da consciência metalinguística, em especial, da consciência fonológica. Para Soares (2018 [2016]), consciência metalinguística corresponde à “capacidade de tomar a língua como objeto de reflexão e análise, dissociando-a de seu uso habitual como meio de interação” (p. 125), já a consciência fonológica seria “a capacidade de focalizar os sons das palavras, dissociando-as de seu significado, e de segmentar as palavras nos sons que as constituem” (SOARES, 2018 [2016], p. 166). Para que se desenvolva tal consciência, é

necessário que se focalize o estrato fônico da fala, operando, em consonância à dissociação de seu significado, a fim de que se desenvolva a sensibilidade para o componente sonoro dos enunciados e suas possibilidades de segmentação em unidades menores (SILVA, 2021, p. 47).

Observe-se que as definições de Soares (2018 [2016]) tomam por base a fala, destacando que a consciência fonológica reflete, em certa medida, a identificação da associação entre sons e letras. Tal associação é mais simples nos casos em que se estabelece a relação monogâmica definida por Lemle (1999 [2004]), mas a situação se complica quando outras relações não tão diretas se estabelecem, como no caso das fricativas alveolares surda [s] e sonora [z], bem como de suas variantes posicionais [ʃ ʒ].

Em relação às associações unívocas, há apenas um caso em que as fricativas alveolares estabelecem uma correspondência. É o caso da fricativa alveolar sonora [z] em contexto de ataque inicial, cuja representação se dá pelo grafema <z> (“zero”, “zagueiro”). Outro contexto em que se representa tal segmento na escrita é o intervocálico, no qual a consoante pode ser representada por <z> (“azar”, “ozônio”), <s> (“tosa”, “presunto”) e <x> (“exumação”, “exímio”). Observa-se, com isso, que o grafema <z> apenas representa o fone [z], mas tal fone pode ser representado por outros dois grafemas mais. Há, portanto, tanto uma relação posicional estabelecida entre grafema e fone representado (contexto inicial) quanto o afastamento dessa relação biunívoca quando da mudança de contexto, estabelecendo uma relação de competição (contexto intervocálico).

A apresentação da fricativa alveolar sonora serve de exemplo para elucidar as dificuldades na representação dessa sequência de segmentos. Tais problemas não se esgotam aí, entretanto, visto que essas fricativas são as que mais variam em relação às convenções ortográficas. A seguir, um quadro sintético que reúne a série de fricativas alveolares, os grafemas utilizados para sua representação e os contextos silábicos em que cada um pode aparecer.

Quadro 1: síntese dos grafemas utilizados para representar fricativas alveolares

FONE	CONTEXTO SILÁBICO				
	ATAQUE INICIAL	ATAQUE MEDIAL	ATAQUE INTERVOCÁLICO	CODA MEDIAL ⁶	CODA FINAL ⁶
[s]	<s> (só) <c> (cedo)	<s> (anseio) <c> (parceiro) <ç> (pujança)	<ss> (amassar) <c> (eficiente) <ç> (paçoca) <sc> (piscina) <xc> (excitação) <x> (próximo)	<s> (pasta) <x> (texto)	<s> (nós) <z> (cruz) <x> (ex)

⁶ Em contexto de coda, as fricativas alveolares em língua portuguesa passam por um processo de neutralização que envolve tanto a perda da distinção fonológica do ponto de articulação quanto do vozeamento (CALLOU; LEITE, 2004 [1990]). Por conta disso, em relação ao ponto de articulação, algumas variedades de português produzem nessa posição as fricativas pós-alveolares [ʃ ʒ], enquanto outras continuam a produzir as fricativas alveolares [s z]. Já em relação ao vozeamento, ocorre, além da neutralização, a assimilação do traço [± vozeado] do segmento seguinte, que, em posição de coda final, pode existir (se em contexto de sândi) ou não (se seguido por pausa). Portanto, em palavras como “astro”, atestam-se as pronúncias [ˈas.tru] ou [ˈaf.tru]; já em itens como “gosma”, registram-se as pronúncias [ˈgɔz.mɐ] ou [ˈgɔʒ.mɐ].

FONE	CONTEXTO SILÁBICO				
	ATAQUE INICIAL	ATAQUE MEDIAL	ATAQUE INTERVOCÁLICO	CODA MEDIAL ⁶	CODA FINAL ⁶
[z]	<z> (zinco)	<z> (anzol)	<z> (fazenda) <s> (casulo) <x> (exagero)	<z> (felizmente) <s> (rasgo)	**

Fonte: elaboração do autor

Observa-se que a fricativa alveolar surda [s] está na frente disparadamente no que se refere à sua representação escrita. Ao passo que a fricativa alveolar sonora [z] é representada por mais de um grafema apenas nos contextos de ataque intervocálico e coda medial, a surda apresenta concorrência em todos os contextos. Destaque-se que, em posição de ataque, apenas no contexto de ataque inicial há dois grafemas em competição, restringindo as possibilidades de representação, sendo o contexto intervocálico o que representa maior dificuldade pela quantidade de grafemas disponíveis.

Como o escrevente não tem acesso direto à etimologia, conforme postulam Lemle (2004 [1999]) e Barbosa e Lima (2019), a memória é o instrumento a que se pode recorrer. Isso ocorre porque, apesar de haver restrições posicionais que demarcam o caráter sistemático da escrita, a quantidade de convenções ortográficas adotadas torna nebulosos tais contextos. É de se esperar, portanto, que quanto maior for o número de grafemas utilizados em determinado contexto, tão maior será o percentual de desvios ortográficos encontrados na escrita. Por isso, no contexto de ataque intervocálico, já se espera um grande número de representações. Em contrapartida, nos contextos em que há poucas opções de representação, é menos custoso para o escrevente depreender as regras de representação. Isso implica dizer que os desvios nas posições de ataque inicial, coda medial e coda final são um indicativo maior do domínio do escrevente sobre a escrita do que nos contextos de maior concorrência.

4. Descrição da amostra

A amostra é composta por 26 cartas de dez missivistas portuguesas escritas no século XX, cuja datação demarca o período de 1937 a 1953. Nesta unidade, serão discutidas as características da amostra analisada considerando-se dois blocos. O primeiro reúne textos da remetente EU, cuja produção soma sete cartas. Nesse bloco, serão descritas detalhadamente as cartas. Já no segundo bloco, as 19 cartas escritas pelos 9 demais missivistas serão apresentadas em termos gerais, a fim de que se possa ter uma visão panorâmica da amostra.

4.1. Cartas da remetente EU

A missivista é uma dona de casa de origem portuguesa, moradora do Rio de Janeiro. Ao total, sua produção se estende por sete cartas que somam quatorze fólios e meio. O período de produção vai de 1937 (carta 1) a 1953 (demais cartas). Todas as cartas foram escritas do Rio de Janeiro. A primeira carta é endereçada à cunhada da remetente, já as demais destinam-se a seu marido. A seguir, um quadro sintético com as informações de cada carta:

Desvios na representação gráfica das fricativas alveolares em cartas do século XX como parâmetro para avaliação de habilidade com a escrita alfabética

Quadro 2: dados das cartas de EU

CARTA	DESTINATÁRIO	TÓPICOS ABORDADOS	DIMENSÕES ⁷	DATA
1	Cunhada	Agradecimento pelo envio de um presente ao seu filho.	1 fólio 98 palavras	28/02/1937
2	Marido	Detalhamento de despesas familiares.	2 fólhos 387 palavras	15/06/1953
3	Marido	Relato de um prejuízo financeiro decorrente da falsificação de sua assinatura em um cheque.	2 fólhos 452 palavras	13/07/1953
4	Marido	Detalhamento das despesas recentes; Menção ao caso do roubo; Relato do comportamento dos filhos.	3 fólhos 472 palavras	30/07/1953
5	Marido	Detalhamento de despesas familiares.	1,5 fólio 163 palavras	05/08/1953
6	Marido	Detalhamento de despesas familiares; Relato de um convite para ser madrinha de casamento.	1 fólio 270 palavras	02/09/1953
7	Marido	Detalhamento de despesas familiares; Relato de fatos ocorridos com seu filho na data anterior.	2 fólhos 241 palavras	10/11/1953

Fonte: elaboração do autor

Há duas cartas escritas por EU e sua filha (cartas 4 e 6), o que se identifica tanto pela troca de assunto quanto pela mudança no traçado do manuscrito. Os fólhos da filha não foram considerados na análise das cartas da missivista.

4.2. Outros remetentes

No quadro a seguir, constam os dados das 19 cartas escritas pelos 9 demais missivistas. Os documentos foram escritos de regiões de Portugal e de duas cidades do Brasil, quais sejam: Rio de Janeiro e Recife. Alguns documentos não apresentam localização (SL) datação (SD) ou data completa, outros têm dados como local e data ilegíveis [init.].

⁷ A contagem de fólhos foi feita a partir dos manuscritos, já a contagem de palavras foi realizada ao fim da edição modernizada. A edição das cartas foi elaborada no *software* E-dictor.

Quadro 3: dados dos demais missivistas

REMETENTE	GÊNERO	DESTINATÁRIO	RELAÇÃO INTERPESSOAL	LOCAL	DATA
DM	H	Marido de EU	Compadre	Cintaes	02/06/1949
DM	H	Marido de EU	Compadre	Cintaes	19/06/1949
DM	H	Marido de EU	Compadre	Cintaes	15/07/1949
MA	H	Marido de EU	Irmão	Nespereira	02/05/1949
NO + AG	H	Marido de EU	Primo	Asiboso	25/08/1949
AN	H	Marido de EU	Amigo	Rio de Janeiro	_/_/1949
CI	M	EU	Prima	Recife	26/04/1948
CI	M	EU	Prima	Recife	18/07/1950
CI	M	EU	Prima	Recife	04/07/1950
JP	H	Marido de EU	Tio	Asiboso	07/05/1950
JP	H	Marido de EU	Tio	Asiboso	08/8/1950
AG	H	Marido de EU	Tio	Asiboso	07/05/1950
IR	M	EU	Tia	Nespereira	11/01/0951
IR	M	EU	Tia	Nespereira	15/07/1951
JU	M	Marido de EU	Sogra	Vila Chã	13/05/1950
JU	M	Filhos de EU	Primos, netos, bisnetos ⁸	Vila Chã	08/07/1951
JU	M	Marido de EU	Sogra	Vila Chã	SD
JU	M	EU	Mãe	[init.]	[init.]
JU	M	Filha de EU	Avó	SL	SD

Fonte: elaboração do autor

Nota-se, a partir do quadro, que as cartas da amostra fazem parte da correspondência privada de uma só família, cuja matriarca é a missivista EU. Todos os destinatários são membros da família nuclear de EU e os remetentes são ou familiares ou amigos de seu marido. Os missivistas não são figuras ilustres.

5. Metodologia

A análise da amostra descrita na unidade anterior tem o propósito de observar o polimorfismo gráfico na representação das fricativas alveolares surda [s] e sonora [z], bem como de suas variantes posicionais [ʃ]. A variedade de grafemas utilizados para representar o segmento é bastante expressiva (ver unidade 3), sendo esse grupo de sibilantes o maior em relação às convenções ortográficas. Postula-se aqui que o nível de conhecimento da ortografia de itens lexicais com sibilantes é um indicativo do letramento do escrevente.

O *corpus* da pesquisa é composto de 218 dados de desvios na representação das sibilantes. A diferença notável entre a produção de EU – 138 ocorrências – e a dos demais remetentes – 80 ocorrências – foi um motivador para a análise dos dados em dois *subcorpora* distintos. Neste trabalho, é realizada a avaliação das cartas da remetente EU em contraste com a produção dos nove

⁸ Apesar de a carta ser assinada pela remetente JU, o documento foi escrito por muitas mãos, apresentando vozes distintas no texto.

Desvios na representação gráfica das fricativas alveolares em cartas do século XX como parâmetro para avaliação de habilidade com a escrita alfabética

outros missivistas. Os resultados da produção do grupo maior serão considerados para a avaliação da produção de EU. Busca-se mostrar como a categorização do polimorfismo gráfico das sibilantes observadas pode servir como um parâmetro para a depreensão de pistas da identidade do escrevente.

Desconsideram-se, nos dados, outros fenômenos grafo-fonológicos manifestados. A análise realizada tem orientação qualitativa, uma vez que não se consideram neste trabalho todas as ocorrências de sibilantes nos textos, sendo computados apenas os casos de desvios.

A partir das hipóteses de que a posição silábica condiciona o fenômeno do polimorfismo gráfico e de que há uma correlação entre o fone representado na escrita e a quantidade de grafemas eleitos pelos missivistas para representá-los, foram considerados dois grandes grupos de variáveis, um de natureza fonético-fonológica e outro de natureza gráfica. As variáveis fonético-fonológicas considerados são: i. **fone**, na qual se consideram as variantes [s], [z], [ʃ] e [ʒ]; ii. **posição silábica**, em que são observados os fatores *ataque inicial*, *ataque medial*, *ataque intervocálico*, *coda medial* e *coda final*. As variáveis grafológicas consideradas estão dispostas no quadro seguinte:

Quadro 4: grupos de fatores gráficos analisados

VARIÁVEIS	
GRAFEMA	DESVIO ORTOGRÁFICO
<c>	<c> por <ç> (gracas) <c> por <s> (cer) <c> por <sc> (nacidos) <c> por <ss> (acinei) <c> por <x> (trouce)
<ç>	<ç> por <c> (reçebe) <ç> por <s> (çabia) <ç> por <ss> (eça)
<g>	<g> por <x> (egijiram)
<s>	<s> por <c> (seiente) <s> por <ç> (despeso) <s> por <ss> (asim) <s> por <x> (espelico) <s> por <z> (gosando)
<ss>	<ss> por <c> (asseita) <ss> por <ç> (assucar) <ss> por <s> (sse) <ss> por <z> (desassete)
<z>	<z> por <s> (precizo)

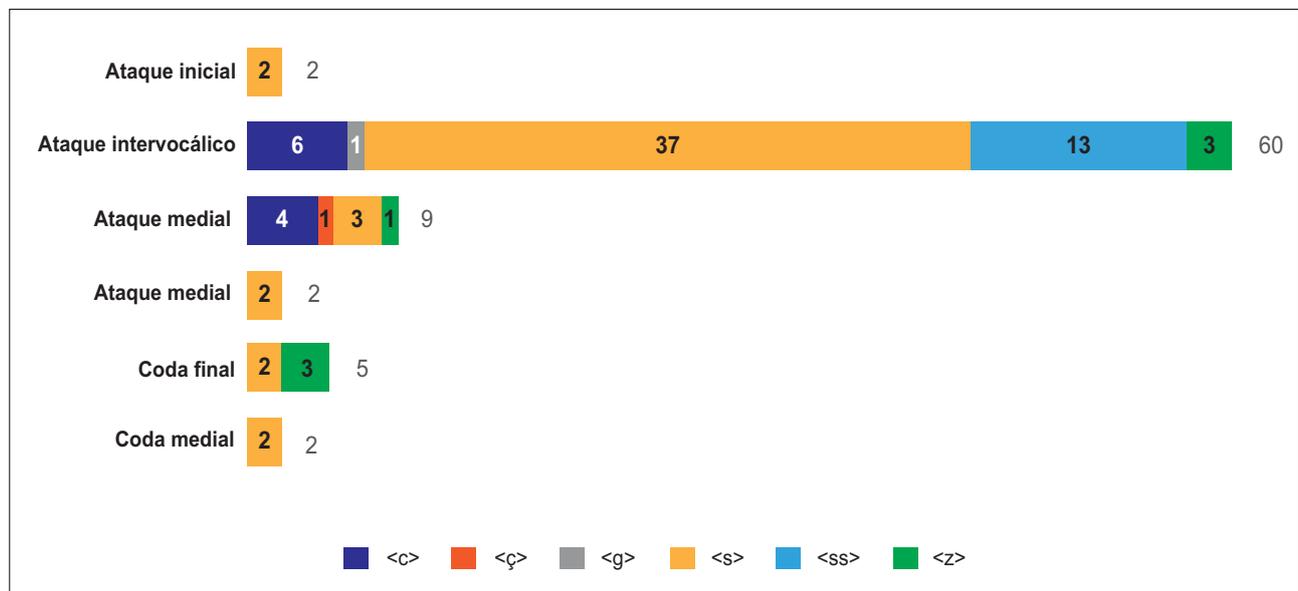
Fonte: elaboração do autor

Esta análise visa a testar a hipótese de que o grau de domínio das convenções de escrita se reflete nos padrões de desvios observados. Sabendo-se que analisar a representação das sibilantes isoladamente não é suficiente para a reconstrução do perfil dos missivistas, objetiva-se levantar com as análises quais pistas da identidade do escrevente podem ser apreendidas a partir de desvios gráficos relacionados às fricativas [s z] e de suas variantes posicionais em língua portuguesa, e ainda observar como a análise de tais desvios pode auxiliar na compreensão sobre a relação entre o conhecimento linguístico do escrevente e o domínio das convenções da escrita.

6. Análises

A fim de se observar se a posição silábica condiciona o fenômeno do polimorfismo gráfico, foram cruzadas inicialmente as variáveis *grafema* e *posição silábica*, independentemente dos desvios que tais grafemas representam. A seguir, os resultados da produção geral.

Gráfico 1: relação entre grafema e posição silábica – geral



Fonte: elaboração do autor

Observa-se, a partir do gráfico 1, que a produção geral indica padrões de comportamento. A posição de ataque intervocálico é disparadamente a mais favorável para os desvios. Isso se explica pelo fato de tal posição apresentar o maior número de grafemas para representar as fricativas alveolares. Conforme abordado na unidade 4, essa quantidade de grafemas é fruto de uma relação não biunívoca entre letra e som.

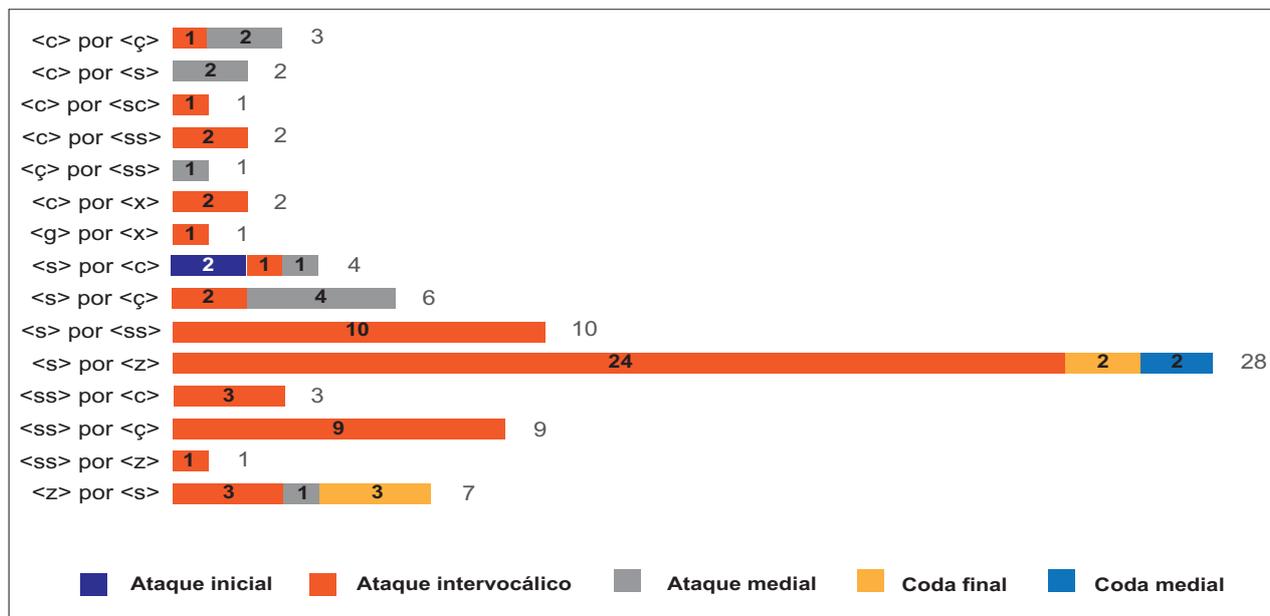
Além disso, constata-se que o grafema <s> é o mais empregado, somando 48 ocorrências, o que se justifica por o grafema <s> representar tanto a fricativa alveolar surda [s] quanto a sonora [z] nesse contexto. A quantidade de convenções deve-se a uma série de fatores, dentre eles, a etimologia.

Desvios na representação gráfica das fricativas alveolares em cartas do século XX como parâmetro para avaliação de habilidade com a escrita alfabética

Como o falante não tem acesso direto às motivações, resta o aporte na memória, tal como postulado por Lemle (2004 [1999]) e Barbosa e Lima (2019).

Para que se observem de modo mais claro os desvios, opta-se também pela apresentação gráfica dos resultados para a variável *desvio ortográfico*. Na sequência, um gráfico que sobrepõe os desvios às posições silábicas:

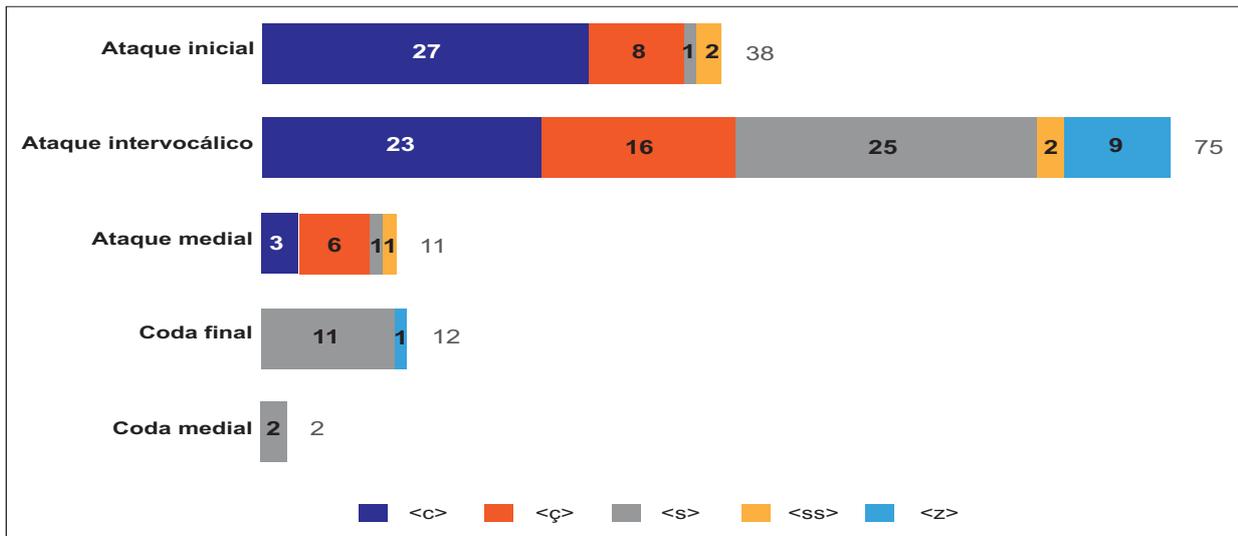
Gráfico 2: relação entre desvio ortográfico e posição silábica – geral



Fonte: elaboração do autor

Os dados mostram a maior incidência de uso de <s> por <z>, com 28 ocorrências, tal como no dado “armasen”. O maior destaque do desvio está no contexto intervocálico, tendo pouca expressividade nos demais. No exemplo apresentado, há uma motivação fonético-fonológica para o fenômeno, haja vista que, em contexto intervocálico, ocorre a sonorização de sibilantes, como se evidencia em contexto de sândi externo “coisa[zi]guais”, o que se coloca como um fator de confusão para o escrevente ao decidir qual grafema representará a fricativa alveolar sonora.

Além disso, observa-se que, excetuando-se o uso de <z> por <s>, como no dado “rezolvido”, cuja motivação é a mesma do caso anterior, e o uso de <g> por <x>, em uma única ocorrência que pode ter motivação fonético-fonológica (“egijiram”), todos os demais desvios representam violação a convenções da escrita. Também é interessante notar que os desvios com menor expressividade na amostra podem indicar que suas restrições de uso são mais fáceis de serem apreendidas, haja vista que o subcorpus reúne a produção de nove missivistas, de cujas escolaridades não se tem informações.

Gráfico 3: relação entre grafema e posição silábica – EU

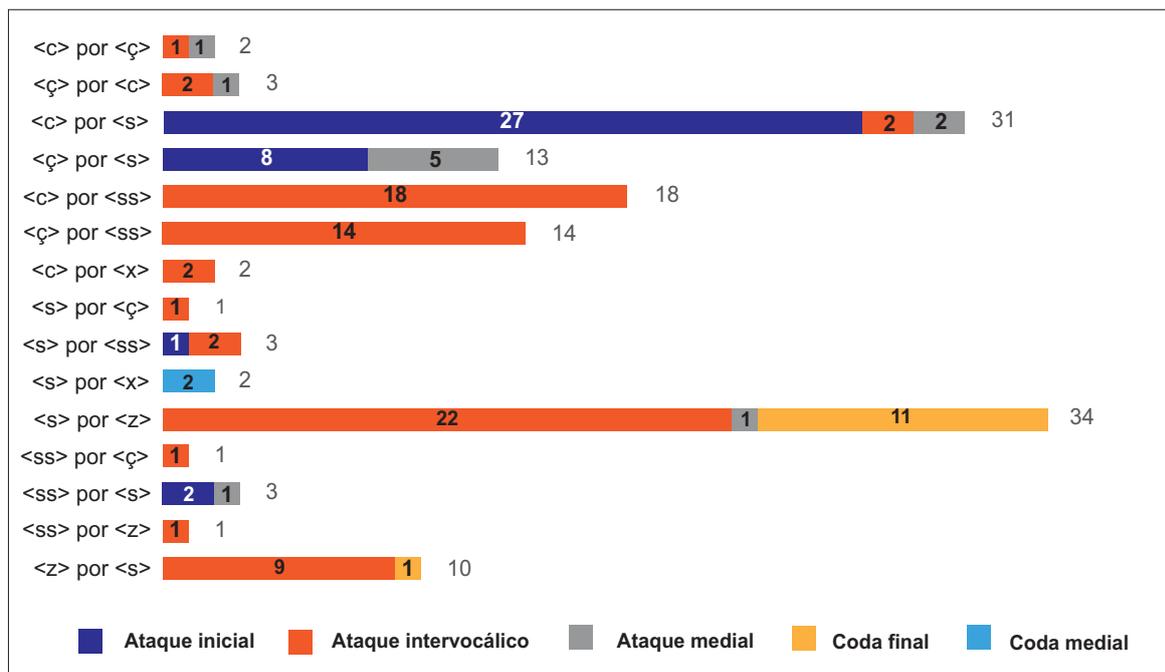
Fonte: elaboração do autor

O gráfico 3 mostra que a produção de EU se afasta do padrão apresentado pelos demais missivistas. Observe-se que, no gráfico 1, apenas o contexto de ataque intervocálico disparava na frente dos demais. No gráfico 2, entretanto, há também outro contexto de incidência de desvios, o de ataque inicial. Ao passo que, na produção geral, há apenas duas ocorrências de desvios em ataque inicial, constatam-se 38 ocorrências na produção de EU. Isso indica que a remetente tinha maior dificuldade com a escrita do que os demais, visto que, no contexto de ataque inicial, uma quantidade menor de grafemas pode ser empregada de acordo com as convenções ortográficas.

Em relação aos grafemas, há novamente mudança de comportamento na produção da missivista em comparação com os demais. Enquanto, no grupo geral, o grafema <s> tem um quantitativo de ocorrência muito distinto dos demais, nas cartas de EU, o grafema <c> é o que mais se manifesta em desvios, totalizando 53 ocorrências. O grafema <s> fica em segundo lugar, com 40 ocorrências, seguido de <ç>, que aparece 30 vezes no *subcorpus*. Esses dados sugerem a menor habilidade com a escrita da remetente em relação aos demais, uma vez que tanto o grafema <c> quanto o <ç> têm seus usos guiados por convenções, afastando-se de condicionantes de ordem fonético-fonológica, como ocorre com o grafema <s>.

Desvios na representação gráfica das fricativas alveolares em cartas do século XX como parâmetro para avaliação de habilidade com a escrita alfabética

Gráfico 4: relação entre desvio ortográfico e posição silábica – EU



Fonte: elaboração do autor

Seguindo o padrão da amostra geral, há incidência de uso de <s> por <z>, em 34 ocorrências, mantendo-se como o desvio mais recorrente. O que diferencia os grupos é a relação com o contexto silábico. No grupo geral, há 24 ocorrências em contexto intervocálico, padrão que se mostra semelhante, nos dados de EU, dadas as 22 ocorrências. Entretanto, nota-se que há quantidade expressiva do desvio em contexto de coda final – 11 ocorrências –, além de uma única ocorrência em ataque medial, fatos que distinguem os *subcorpora*, pois, no grupo geral, havia pouquíssima expressão do desvio em contexto de coda, apenas 4 ocorrências – 2 em coda medial e 2 em coda final.

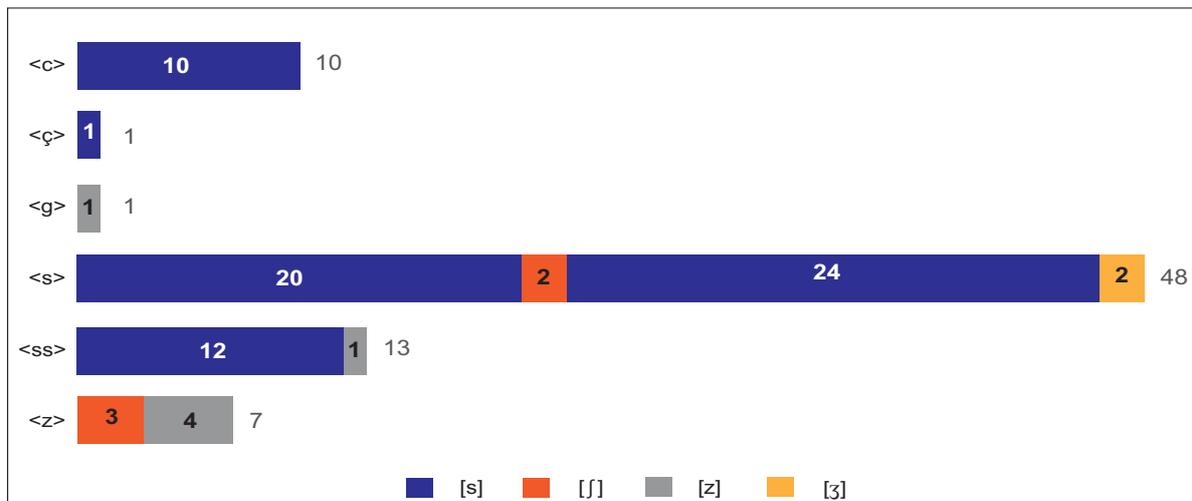
Os desvios relacionados ao grafema <c> que se mostram recorrentes são dois: i. o uso de <c> por <s>, como em “cemana”, apresentando 31 ocorrências; e ii. o uso de <c> por <ss>, como o exemplo “tirace”, somando 18 ocorrências. Note-se que, no *subcorpus* geral, ambos os desvios apresentam apenas duas ocorrências cada. Além disso, vale destacar que o contexto de ataque inicial ganha mais destaque no primeiro desvio, com 27 ocorrências, além de 2 casos de ataque medial e 2 de ataque intervocálico, enquanto, nos dados gerais, suas duas ocorrências são em ataque medial. Já o segundo desvio registra-se apenas em ataque intervocálico, tal como ocorre no grupo geral.

Em relação ao grafema <ç>, há dois desvios mais expressivos, sejam eles: i. uso de <ç> por <ss>, como no dado “noços”, que apresenta 14 ocorrências; e ii. uso de <ç> por <s>, tal como em “çei”, que soma 13 ocorrências. Destaque-se, quanto ao contexto que o desvio (i) aparece apenas em contexto intervocálico, enquanto o desvio (ii) se divide entre ataque inicial – 8 dados – e ataque medial – 5 dados. O primeiro caso, no *subcorpus* geral, tem apenas uma ocorrência em ataque intervocálico, e o segundo não é registrado.

Vale destacar que outros desvios com incidência menor, no primeiro grupo apresentam resultados diferentes na produção de EU. Os usos de <s> por <ss> e de <ss> por <ç>, aparecem, respectivamente, 10 e 9 vezes no primeiro grupo, ao passo que, na produção de EU há menor incidência, registrando-se apenas 3 e 1 ocorrências respectivamente. A discrepância chama a atenção na análise, pois ambos não são desvios ortográficos incomuns. Tendo em vista tal fato, a baixa produtividade dos desvios nas cartas de EU atua como um fator de contraexpectativa.

Com o intuito de averiguar se há uma correlação entre o fone representado na escrita e a quantidade de grafemas usados para representá-los, foi traçada uma relação entre grafema e fone. Observe-se o gráfico a seguir:

Gráfico 5: relação entre grafema e fone – geral



Fonte: elaboração do autor

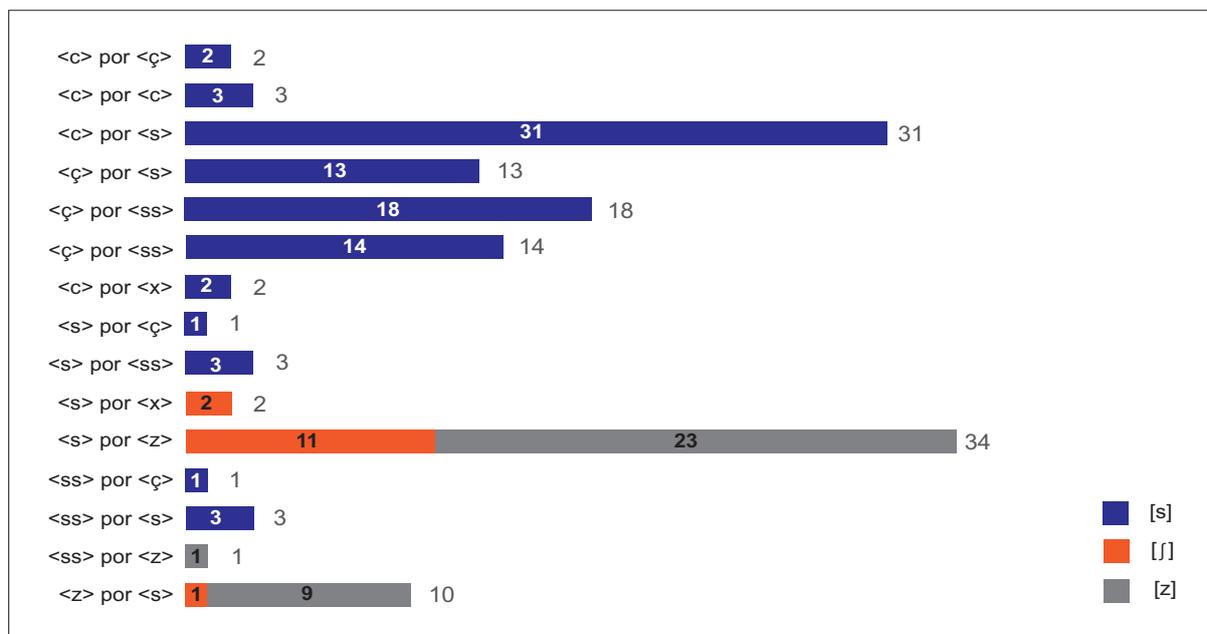
O gráfico 5 apresenta a correlação entre fone e grafema, mostrando que a fricativa alveolar surda [s] é a que apresenta maior número de grafemas para sua representação. São 43 ocorrências distribuídas entre os grafemas <s> (20 oc.), <ss> (12 oc.), <c> (10 oc.) e <ç> (1 oc.). A fricativa alveolar sonora [z] é a segunda em termos de polimorfismo gráfico, sendo representada majoritariamente pelo grafema <s>, o que indica certa regularização para o contexto de alternância <s> x <z>. A representação do fone pelo grafema <z> é, curiosamente, pouco expressiva, manifestando-se em apenas 4 ocorrências. Há ainda dois casos isolados de representação por <g> e <ss>.

As variantes posicionais [ʃ ʒ] foram consideradas como segmentos distintos, pois se queria observar se haveria alguma distinção no comportamento dos dados influenciada pela qualidade do segmento. A pouca expressividade dos dados, entretanto, aponta para uma maior estabilidade do contexto de coda. Isso pode ser um indicativo de que, em posição de coda, o escrevente tem mais facilidade para depreender as restrições posicionais dos grafemas do que nos demais. Apenas *corpora* mais expressivos, entretanto, poderão lançar luz à questão.

O gráfico 7 mostra que a produção de EU, novamente, vai em contrapartida ao padrão apresentado nos dados dos demais remetentes. A fricativa alveolar surda também é a que mostra maior produtividade. A distinção está na distribuição dos grafemas. O subcorpus geral mostra o maior índice para o grafema <s> (20 ocorrências), enquanto a produção da remetente inverte o resultado, tendo a menor expressividade do grafema (4 ocorrências). O segundo colocado geral foi o grafema <ss> (12 ocorrências), que também apresenta apenas 4 ocorrências na produção de EU. A inversão é maior ainda quando se observam os grafemas <c> e <ç>. O primeiro teve 10 ocorrências no grupo geral, contra 53 na análise individual. O segundo grafema apresenta apenas uma ocorrência nos dados do grupo, enquanto tem significativas 30 ocorrências nas cartas da remetente.

Em relação ao fone [z], apresenta-se o mesmo padrão do grupo. O que chama a atenção no gráfico é a maior incidência de desvios quanto à variante posicional [ʃ], indicando que a generalização postulada para a produção do grupo não se apresenta tão clara na escrita da missivista. Novamente, destaque-se que seriam necessários mais dados para testar tal hipótese.

Gráfico 8: relação entre desvio ortográfico e fone – EU



Fonte: elaboração do autor

O comportamento de EU se diferencia bastante no que tange aos desvios. A quantidade de desvios é semelhante à do grupo geral. Para o fone [s], 11 desvios e, para o fone [z], 3 desvios em ambos os grupos. A diferença está na incidência dos desvios. Os mais expressivos do grupo foram: i. uso de <s> por <ss> (10 ocorrências contra apenas 3 de EU); ii. <ss> por <ç> (9 aparições do grupo e 1 da individual); iii. <s> por <ç> (6 casos *versus* 1 de EU), e iv. (<s> por <c>, com 4 aparições no grupo e nenhuma na escrita da remetente). A inversão ocorre também nos seguintes casos: a. <c> por <s> ocorre 31 vezes em EU e apenas 2 no grupo; b. <c> por <ss> tem 18 casos na remetente e

Desvios na representação gráfica das fricativas alveolares em cartas do século XX como parâmetro para avaliação de habilidade com a escrita alfabética

2 no geral; c. <ç> por <ss> com 14 ocorrências na análise individual e 1 em grupo; d. <ç> por <s>, manifestando-se 13 vezes em EU e nenhuma na produção do grupo.

A análise dos dados torna evidente que o que se manifesta na escrita da missivista é diferente do padrão evidenciado na análise do grupo de remetentes. Alguns desvios estão apenas em um dos *subcorpora*. Além disso, grafemas e posições silábicas com maiores restrições se mostram menos favorecedores a desvios na produção de grupo, o que não se constata na análise das cartas de EU. Tendo em vista que a escrita em língua portuguesa apresenta uma série de convenções mais ou menos motivadas para a representação das fricativas alveolares, esperava-se que a consciência fonológica dos missivistas nos níveis segmental e silábico atuasse refreando o polimorfismo gráfico em uma relação proporcional às restrições impostas pelas convenções ortográficas. O comportamento linguístico observado a partir da comparação entre a produção geral e a escrita de EU, entretanto, quebra essa expectativa de maneiras diversas, apontando peculiaridades da sua habilidade com a escrita alfabética. Embora a análise de apenas uma categoria de desvios – neste caso, os relacionados às representações gráficas de fricativas alveolares – não seja suficiente para se atestar um grau de letramento específico, o contraste entre as produções indica que o nível de domínio de algumas convenções da escrita da remetente EU é menor do que o padrão apresentado pelos missivistas em geral.

Considerações finais

Neste trabalho, foi analisada qualitativamente uma amostra de correspondências privadas de uma família de portugueses, no século XX. Foram observados os desvios gráficos na representação das fricativas [s z] e de suas variantes a partir do contraste entre a produção de uma missivista e os demais. O trabalho apresentou uma metodologia para categorização e análise do polimorfismo gráfico de sibilantes. Buscou-se mostrar como tal investigação pode proporcionar a apreensão do grau de domínio das convenções de escrita.

A hipótese da posição silábica foi parcialmente confirmada, pois, na escrita de EU, há uma inversão na influência das posições, o que apresenta a necessidade de testar tal hipótese em outros *corpora*. Quanto à correlação entre fone e grafema, os resultados apontam para sua confirmação, dada a maior expressividade na representação do fone [s], o que se justifica pelo número extenso de convenções ortográficas. Por fim, é corroborada a hipótese de que o grau de domínio das convenções de escrita se reflete nos padrões de desvios observados, visto que, na produção de EU, mesmo em contextos de maior restrição, há incidência significativa de desvios, o que indica a não apreensão de algumas regras de escrita.

É possível, em análises futuras, considerar tópico discursivo e tipologia como variáveis independentes, a fim de se observar se tais fatores atuam como condicionadores para a realização do fenômeno. Além disso, resultados mais seguros poderão ser alcançados a partir da análise estatística das cartas de EU, considerando-se todos os casos de manifestação das fricativas alveolares, não apenas os desvios.

As pistas que dão os desvios analisados sobre a identidade do escrevente são o seu nível de abstração de regras grafológicas da escrita alfabética e o grau de sua consciência fonológica. Observou-se que os desvios identificados nas cartas não são de mesma ordem, visto que se associam tanto a restrições posicionais quanto a convenções gráficas, fazendo com que alguns desvios sejam menos esperados do que outros, o que permite a avaliação dos níveis de habilidade com a escrita.

Dentre as contribuições deste trabalho, destacam-se: i. a apresentação de uma metodologia para o tratamento dos desvios ortográficos no quadro das sibilantes, com enfoque nas fricativas alveolares; e ii. a comparação entre os tipos de relações estabelecidas entre letras e sons e o padrão de desvios manifestado, por meio da aplicação do conceito de consciência fonológica a análises de *corpus* histórico.

Referências

- BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Tratamento dos *corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOPES, Célia Regina dos Santos (org.). *A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, pp. 25-43, 2005.
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves. O controle de marcas de inabilidade na escrita alfabética e a identificação das mãos inábeis em corpora histórico-diacrônicos. *Revista da ABRALIN*, v. 16, n. 2, pp. 19-43, Jan./Fev./Mar./Abril de 2017.
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves; LIMA, Alexandre Xavier. O controle indireto de perfis sócio-históricos em corpora histórico-diacrônicos: a identificação de graus de letramento pela grafia etimológica no século XIX. In: CASTILHO, Ataliba T. de. (coord.). *História do Português Brasileiro - v. 2. Corpus diacrônico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, pp. 168-205, 2019.
- BERGS, Alexander. *Social Networks and Historical Sociolinguistics*. Studies in Morphosyntactic Variation in the Paston Letters (1421-1503). Berlin and New York: Mouton de Gruyter. Pp. xii, 318, 2005.
- BERGS, Alexander. The uniformitarian principle and the risk of anachronisms in language and social history. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan M. & CONDE-SILVESTRE, Juan C. (eds.), *The Handbook Of Historical Sociolinguistics*, Oxford: Wiley-Blackwell, pp. 80-98, 2012
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 10. ed., 2004 [1. ed. 1990].
- CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. The role of social networks and mobility in diachronic sociolinguistics. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan M. & CONDE-SILVESTRE, Juan C. (eds.), *The Handbook Of Historical Sociolinguistics*, Oxford: Wiley-Blackwell, pp. 332-52, 2012.
- CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolingüística Histórica*. Madrid: Gredos, 2007.
- HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola, 2003.

Desvios na representação gráfica das fricativas alveolares em cartas do século XX como parâmetro para avaliação de habilidade com a escrita alfabética

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. Oralidad y escrituralidad a la luz de la Teoría del Lenguaje. In: KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. *Lengua Hablada en La Romania: español, francés, italiano*. Madrid: Editorial Gredos, pp. 20-42, 2007.

LABOV, William. On the use of the present to explain the past. In: HEILMANN, Luigi (ed.). *Proceedings of the Eleventh International Congress of Linguistics*. Bologna, Florence: Società Editrice il Mulino Bologna: pp. 825-51, 1975.

LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: *Sociolinguistic Working Papers*, 44. Austin, Texas: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre. São Paulo: Contexto, 2008 [1972].

LAVANDERA, Beatriz R. Where does the sociolinguistic variable stop? In: *Language in Society*, v. 7, pp. 171-82, 1978.

LEMLE, Miriam. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 2004 [1999].

LOPES, Celia Regina. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, pp. 103-20, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 9-14.

SILVA, Alex Jefferson Medeiros Fernandes da. *Aprendizagem da escrita e sua relação com a Aquisição da Linguagem: o fenômeno de hipossegmentação*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras: Português-Literaturas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, Alex Jefferson Medeiros Fernandes da. *Da escrita contínua à segmentação convencional de palavras: a constituição de palavra gráfica na aprendizagem da escrita*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras (Letras Vernáculas), 2021.

SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. 1. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018 [2016].

ROMAINE, Suzanne. *Socio-Historical Linguistics: Its Status and Methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2018. Título original: *Empirical foundations for a theory of language change* [1968].